Desemprego é um drama pessoal e familiar

Senhor Presidente
Senhoras e Senhores Deputados
Senhoras e Senhores membros do Governo

Mais do que esgrimir números, posições políticas ou comparações sobre tudo e mais alguma coisa o que nos verdadeiramente interessa é a realidade vivida e sentida em milhares de lares açorianos.

«Vivi, a poucos metros de minha casa, o encerramento de um estabelecimento comercial, que lançou no desemprego mais duas dezenas de pessoas", dizia-nos há dias um Açoriano preocupado com este drama pessoal e familiar.

Se é certo que aquelas pessoas passam a viver, durante algum tempo, do subsídio de desemprego, também é certo que, a partir dessa altura, a incerteza e o desânimo encontram terreno fértil para se instalarem com todas as suas consequências.

Com efeito, viver de um subsídio é, nalguns casos, semelhante a ter que viver de um apoio, de uma esmola, o que, convenhamos, Senhoras e Senhores Deputados, não deixa de ser penoso para quem, sentindo-se válido e útil, deseja efectivamente trabalhar.

Um subsídio não passa disso mesmo: de um subsídio; uma ajuda, inferior ao vencimento que se auferia, o que, por si só, exige necessariamente um conjunto de restrições que podem inclusive levar à impossibilidade de satisfazer determinados compromissos assumidos.

É a casa que tem que ser vendida à pressa e por baixo valor; é o filho a estudar que já não pode acabar o curso; é ou pode ser o desmoronar dos sonhos, da esperança e do futuro.

Depois… Senhoras e Senhores Deputados, depois vem o pior… A precariedade instala-se e o desespero também!

Com maior ou menor frequência, surgem os conflitos. Marido e mulher, pai e mãe, face ao desespero, agridem-se primeiro verbalmente, os filhos assistem impotentes e o casamento desmorona-se, lançando famílias inteiras num drama social de dimensões de todo ainda imprevisíveis…

Não tenhamos dúvidas, o maior drama do desemprego é o que é vivido pelos trabalhadores e seus familiares. São eles e mais do que ninguém aqueles que mais sofrem as consequências e o desfazer dos sonhos...

O trabalhador é um ser humano como qualquer um de nós. Há-de ser respeitado em todas as circunstâncias, particularmente naquelas em que, mercê de condicionantes a que muitas vezes é alheio se encontra numa situação de maior fragilidade.

O desemprego não deixa de exigir um forte apelo à solidariedade e por isso mesmo deve manifestar-se mais em actos do que em palavras; mais em realidades concretas do que em meras intenções ou determinadas promessas vãs, que mais não fazem do que desacreditar e afastar o que ainda podia, efectivamente, restar de esperança.

O desemprego não deixa de ser um problema social e, nas proporções que está a atingir, trata-se de um gravíssimo problema social.

O problema do desemprego não se resolve verdadeiramente com subsídios aos desempregados. Os subsídios, dando a aparência de resolver o problema, de facto não o solucionam; escondem-no; adiam a sua plena e verdadeira solução.

Por isso a criação de postos de trabalho e a manutenção dos actuais tem de ser, forçosamente, uma das maiores preocupações dos governantes. Criar postos de trabalho é hoje uma obrigação e um imperativo social;

A pergunta que fica é a de saber se não haverá forma de evitar o encerramento de empresas e de nos opormos todos à avalanche de falências e ao drama do desemprego?

Está ou não a fazer-se tudo o que pode ser feito para que as empresas continuem a laborar em vez de fecharem as portas?

Senhor Presidente
Senhoras e Senhores Deputados
Senhoras e Senhores membros do Governo

De tudo isto fica-nos uma certeza: é urgente dar esperança aos que vivem na incerteza do futuro, sobretudo a todos aqueles que se viram lançados para o drama do desemprego.

É urgente que todos nós, que todos os políticos em geral se ocupem do drama do desemprego, que não é uma questão meramente económica ou tecnologia, é sobretudo um drama pessoal e familiar.

Disse

Sala das Sessões, 9 de Fevereiro de 2010
Rui Ramos